



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

17697 - Resumo Expandido - Trabalho - XXVII Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste – Reunião Científica Regional – ANPEd Nordeste (2024)

ISSN: 2595-7945

GT23 - Gênero, Sexualidade e Educação

CRÍTICA FEMINISTA PARA LER RACHEL DE QUEIROZ NA ESCOLA

Andrea Andrade Oliveira Prado - SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO ESTADO DA BAHIA

Mônica Clementino de Menezes - UESB - UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA

Solange Balisa Costa - UESB - UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA

CRÍTICA FEMINISTA PARA LER RACHEL DE QUEIROZ NA ESCOLA

INTRODUÇÃO

Esse trabalho apresenta-se como uma das extensões de nossa pesquisa de mestrado concluída no ano de 2019. Ao longo de dois anos nos debruçamos sobre a obra de Rachel de Queiroz, por meio de pesquisa bibliográfica, reunimos e analisamos autoras e autores que escreveram a respeito dela e sobre as teorias e críticas feministas que embasaram nossa proposta investigativa.

Nesse trabalho nos propusemos a repensar a invisibilidade da mulher como sujeito da história e da literatura refletindo sobre o que é oferecido pelo currículo escolar às/aos discentes como leitura dos diferentes tipos de textos no que se refere ao gênero de quem os escreve. Quantas mulheres romancistas, poetas, cronistas são lidas em sala de aula? Como elas são lidas? À luz dos estudos de gênero, apoiadas na crítica feminista, afirmamos a relevância de se ler mais mulheres – como Rachel de Queiroz – na escola, para ressignificarem, reconstruírem, transgredirem, promovendo ao protagonismo autoras e leitoras, lhes oportunizando inspiração, autoestima e pertencimento.

Questionando cânones – identificando e compreendendo silêncios, distorções e ambiguidades – historiadoras, escritoras, literatas pautam seus

estudos a partir de uma perspectiva feminina, buscando romper com a ideia de uma universalidade masculina da história, aqui, mais especificamente, representada pela literatura. Incentivadas por essa perspectiva é que desenvolvemos uma análise voltada para o incentivo à leitura de mulheres à luz da crítica feminista ao longo da educação básica. Nesse momento, particularmente, a leitura da obra de Rachel de Queiroz.

São ações políticas que lutam contra a invisibilidade da mulher como sujeito da história e da literatura, e para isso preconceitos, saberes e discursos hegemônicos são constantemente questionados e desconstruídos. Incentivadas por essa perspectiva é que escolhemos revisitar a obra de uma das mais singulares e polêmicas escritoras brasileiras do século XX, Rachel de Queiroz (1910-2003). Uma leitura feita por mulheres sobre textos de mulher:

Ao pensar que experiências e percepções diferem de acordo ao gênero de quem escreve, torna-se relevante analisar as produções literárias observando não só o texto, mas também as condições de sua produção, o que significa estar atento ao problema da autoria (Correia, 2018, p.13).

A autoria ganha destaque nesse trabalho, sobretudo porque é feminina, e por ser feminina importa (Barbosa, 2011), visto que, embora com diferentes dicções, grande parte da literatura escrita por mulheres no Brasil, desde o século XIX até hoje, toma por temática a condição de seu gênero, suas experiências, suas memórias e as memórias coletivas que as cercam.

Essas vivências precisam ser inseridas no currículo escolar. Não como mais uma opção de leitura, e sim para ressignificarem, reconstruírem, transgredirem, engendrando ao protagonismo autoras e leitoras invisibilizadas. São referências positivas para a vida das alunas que podem inclusive se tornarem escritoras.

É com esse olhar, com a “presença” da mulher, tendo a crítica feminista como ferramenta, que propomos a leitura da obra de Rachel de Queiroz nas salas de aula à luz dos estudos de gênero.

LEITURA GENDRADA

Ao falar de “gênero”, conceito utilizado pela primeira vez por Robert Stoller, em 1968, nos Estados Unidos, destinado a distinguir-se de “sexo”, adentramos na categoria central das teorias feministas, quer seja para utilizar-se dela ou contestá-la. “A introdução dos estudos de gênero supôs uma redefinição de todos os grandes temas das ciências sociais” (Garcia, 2011, p.21). Como contestação do determinismo biológico, o gênero refere-se a uma construção histórica, social, cultural, opondo-se a binarismos essencialistas. “A história do pensamento feminista é uma história da recusa da construção hierárquica da relação entre masculino e

feminino, em seus contextos específicos, e uma tentativa para reverter ou deslocar suas operações” (Scott, 1995, p.84).

A historiadora Joan Scott (1995) afirma que gênero como uma categoria analítica emergiu ao final do século XX como tentativa de reivindicação de um terreno de definições que explicassem as persistentes desigualdades entre homens e mulheres.

Mayorga et al (2013), trazem à tona algumas tensões em torno do “gênero”, que segundo ela, é uma categoria em crise por ter se ampliado demais, negligenciando especificidades: “como dizer das opressões e das violências vivenciadas por mulheres negras, pobres e lésbicas, se gênero pretende abarcar uma abstração universalizante do que seja mulher?” (Mayorga et al, 2013, p.469). Entretanto, ainda assim, reconhecem as conquistas que esse conceito possibilitou ao feminismo. Como toda e qualquer conceituação ou categorização é preciso reconhecer limites, problematizando-a e utilizando-se de suas melhores características.

Teresa de Lauretis (1994), historiadora e escritora que trabalha com o gênero na perspectiva de tecnologias que substituem os antigos mitos, diz que as mulheres estão “dentro e fora” dessa categoria, “ao mesmo tempo dentro e fora da representação”, tornando as contradições até mesmo necessárias dentro do próprio feminismo. O que não impede, e sim reforça a necessidade de ainda se utilizar o tão questionado conceito:

Negar o gênero significa, em primeiro lugar, negar as relações sociais de gênero que constituem e validam a opressão sexual das mulheres; e, em segundo lugar, negar o gênero significa permanecer “dentro da ideologia”, de uma ideologia que não coincidentemente embora não intencionalmente reverte em benefício do sujeito do gênero masculino (Lauretis, 1994, p.233).

Desafiando os pressupostos predeterminados da história e da crítica literária tradicional, a crítica literária feminista encontrou seu próprio assunto, sua própria teoria, sua própria voz. São análises que buscam as particularidades dos textos assinados por mulheres, por meio de um olhar feminino, subvertendo toda e qualquer ordem canônica e patriarcal.

Resistindo ao essencialismo, homogeneização e universalismo, a crítica feminista reafirma, resgata, relê a literatura feminina, ressemantizando o termo. É feminina porque é feita por mulheres. Essa demarcação é necessária porque, como já vimos aqui, a história é marcadamente construída pelo sexo masculino: “O pertencimento de gênero foi e ainda se constitui como um princípio de valor enraizado na própria história da cultura ocidental e o seu efeito mais negativo [...] tem sido a exclusão da autoria feminina das histórias da literatura” (Schmidt, 2017, p.250). Sendo também território patriarcal, a literatura sempre exerceu um *pater poder* regulador na produção, recepção e legitimação das obras produzidas,

inclusive no Brasil.

Como afirmou Beauvoir (2016), era mesmo preciso muita coragem e audácia para se tornar uma “George Eliot ou Emily Brontë”, pois diante de tantos empecilhos, como se dedicar à escrita? Como, através da pena ou caneta, expressar livremente seus pensamentos?

Entretanto, a despeito de tantos desafios, muitas mulheres escreveram. Contrariando os desejos patriarcais e revendo sua própria existência, como o fez Rachel de Queiroz durante mais de setenta anos. Uma menina/mulher causando confusão nas mentes intelectuais do país, não sem antes fazê-lo em sua terra natal, Fortaleza, Ceará.

Foi a primeira mulher a ingressar na Academia Brasileira de Letras, escrevendo e apesar de ser mais conhecida como romancista, Rachel de Queiroz iniciou sua carreira com poemas publicados em jornais da capital do Ceará, em 1928, aos dezessete anos.

Nascida em 17 de novembro de 1910, Rachel de Queiroz, aos cinco anos de idade, enfrentou com seus pais as consequências da Grande Seca de 1915, que assolou o nordeste brasileiro e principalmente o Ceará, tendo que fazer o que milhares de famílias fizeram, migraram. Desse acontecimento retirou a inspiração para seu romance de estreia, *O Quinze* (1930). Livro este que o autor Graciliano Ramos não acreditou ter sido escrito por uma mulher:

Não acreditei. Lido o volume e visto o retrato no jornal, balancei a cabeça: Não há ninguém com este nome. É pilhéria. Uma garota assim fazer romance! Deve ser pseudônimo de sujeito barbado (RAMOS apud HOLLANDA, 2016).

Entre os anos de 1921 e 1925, estudou no colégio interno Imaculada Conceição, de freiras francesas, por insistência de sua avó paterna que estava preocupada com o fato de a neta não ser religiosa e ter feito o “sinal da cruz” com a mão esquerda. Dessa experiência brotou a inspiração para *As três Marias* (1939).

Antes, em 1937, lançou *Caminho de pedras*, um romance com abordagem social e engajamento político, apresentando um triângulo amoroso em meio a luta da protagonista por liberdade política, social e sexual, tendo por base ficcional a história do Partido Comunista em Fortaleza.

Trinta e seis anos depois de *As três Marias*, após centenas de crônicas e duas peças teatrais, Rachel de Queiroz publica seu sexto romance, em 1975, *Dôra, Doralina*. E levará mais dezoito anos para publicar o sétimo e último, em 1992, *Memorial de Maria Moura*. Em ambos, segundo Wilson Martins, a escritora “um ponto de perfeição claramente insuperável” (Martins, 1997, p.154). Além de elegância, fluência das frases, ausência de pontos mortos e outras características

técnicas que considera para uma boa ficção, Martins também acredita serem essas obras inscritas no contemporâneo e necessário romance feminista.

Dôra rebelde-se a todo o momento contra sua condição. Questiona seu nome, ignora a mãe, acolhe um andarilho, não se veste de viúva, torna-se atriz mambembe, amasia-se. *Dôra, Doralina* apresenta “a mulher brasileira, nordestina, sertaneja, confrontada com desafios existenciais que tendem, invariavelmente, a subjuga-la, a mantê-la presa a um trágico destino” (Gurgel, 1997, p.47). Mas ela não aceita a prisão. “O meu é onde eu disser que é meu” (Queiroz, 2014, p.69).

Maria Moura, por sua vez, sai da condição de sinhazinha, após o assassinato de sua mãe e a tentativa de seus primos de tomar dela as terras onde vivia, torna-se comandante de um bando de homens armados, construindo riqueza por meio de assaltos realizados nas estradas sertanejas. “Eu queria ter força. Eu queria ter fama. [...] Sentia que dentro da mulher que eu era hoje, não havia mais lugar para a menina [...] que só fazia o que a mãe mandasse, o que pai permitisse” (Queiroz, 2010, p. 120).

Nos romances aqui citados e em toda a sua obra – incluindo poesias, peças teatrais e crônicas – as protagonistas de Rachel de Queiroz, assim como ela, não pediam, mandavam em sua vida, seguiam seus desejos, construindo e contando memórias sem medo de julgamentos.

Na história da literatura brasileira Rachel de Queiroz foi uma mulher que rompeu barreiras através de sua vida, de sua escrita e de suas personagens. Falava e escrevia de um jeito incrivelmente livre, o que lhe rendia elogios e críticas. Não gostava de rótulos, nem de estereotípias, mas não se furtava à discussão.

Debruçar-me sobre essa mulher/ escritora/ nordestina é viajar por um mundo ainda insuficientemente explorado. A escola pode ser, sem dúvida, uma condução eficiente nessa viagem, sobretudo por ser um reflexo da sociedade. E na sociedade contemporânea, como afirmava Rachel de Queiroz,

acabaram-se os territórios fechados onde a mulher não poderia entrar. E se há excessos, por que os há, quanta coisa boa que hoje temos não seria escrita por mão de mulher, temerosa de pisar no terreno vedado dos autores masculinos. É o caso de se dizer: liberdade ainda que tarde (Queiroz, 2000).

Percebe-se que a autora tece uma crítica ao tradicionalismo e à exclusão das mulheres em certos espaços e atividades, destacando a importância da liberdade e da inclusão para o avanço cultural e intelectual. Ao romper com barreiras históricas que impediam a participação das mulheres, ganhamos uma riqueza cultural que antes era inacessível devido a essas restrições. A ideia de “liberdade ainda que tarde” sugere que, mesmo que a mudança tenha demorado a ocorrer, ela trouxe benefícios significativos e valiosos.

RESULTADOS E DISCUSSÕES DA PESQUISA

Quando propusemos a prática desse trabalho para professores e professoras ligados às áreas de conhecimentos em Linguagens e Humanas de nossa unidade escolar, deparamo-nos com uma grande resistência por parte de alguns docentes em realizar uma leitura gendrada da obra de Rachel de Queiroz. Por falta de conhecimento, preocupação em “fugir” do engessado currículo ou convicções contrárias às pautas de gênero. Dessa maneira, há muito o que se fazer, por parte de docentes conscientes da amplitude de suas práticas e do poder público que precisa fazer cumprir a legislação que prevê a todas as pessoas o direito a uma educação que defenda a igualdade gênero.

Por outro lado, a recepção entre as alunas tem sido positiva. Demonstrem interesse pela biografia de Rachel de Queiroz, tecem elogios às protagonistas das obras e fazem paralelos com experiências vividas por mulheres que conhecem ou ouviram falar. Entre os alunos, suas mães e avós são comparadas as mulheres de Rachel de Queiroz. Além disso, se empolgam com alguns personagens homens que participam de cenas de ação.

O último censo escolar, realizado em 2023, apontou que “49,4% das matrículas de educação básica no Brasil” (Brasil, 2023) são preenchidas por mulheres. Quando se trata apenas do Ensino Médio esse número é ainda maior: 51,9%. Além disso, as taxas de evasão e repetência são menores entre as mulheres. Esses dados só reforçam a necessidade de equilibrarmos a representatividade de gênero no que se refere às leituras realizadas nas salas de aula do país

CONSIDERAÇÕES FINAIS .

Este estudo possibilitou refletir um pouco mais sobre a invisibilidade da mulher como sujeito da história e da literatura, sobreposta em muitos currículos e práticas nos diversos espaços de aprendizagem e construção do saber. O nosso trabalho propõe uma reflexão crítica sobre esses fatores que condicionam o protagonismo feminino ao longo da história, mas que se ergue e se fortalece quando nos propusemos a lutar pela mudança desse cenário. A mudança far-se-á por meio da educação por uma sociedade menos machista, menos desigual, antirracista e com igualdade de oportunidades para todas as pessoas.

É preciso que mais escritoras façam parte das listas de livros paradidáticos, dos livros disponíveis nas salas de leitura, dos textos avulsos, das poesias apresentadas por alunas e alunos nas dinâmicas de grupo e nos próprios livros

didáticos.

Uma das formas de viabilizar essa ação deve partir do Ministério da Educação e das Secretarias Estaduais e Municipais de Educação, disponibilizando verbas para compra de material e para a capacitação de professoras e professores, que muitas vezes não possuem em sua formação a experiência de realizar tais leituras de maneira crítica e generosa. Essa formação também deve ser iniciada na Academia.

O que propomos é a construção de um novo *corpus* literário na escola e novas metodologias de leitura apoiadas na crítica feminista, pois ler mulheres como Rachel de Queiroz, e tantas outras autoras brasileiras e estrangeiras, significa, sobretudo contribuir na militância pela equidade de gênero em nossa sociedade.

Além disso, possibilitará que autoras, personagens e histórias inspiradoras, na prosa ou poesia, no real ou ficcional contribuam para que meninas e mulheres da contemporaneidade, evidenciem o que sentem, pensam, vivenciam, expressam ou silenciam. E finalmente, permitirá novas oportunidades de conhecimento para alunas e alunos, professoras e professores, mediante outras perspectivas de leitura.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Adriana Maria de Abreu. *Ficções do feminino*. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2011.

BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo: fatos e mitos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016a.

BRASIL. *Censo Escolar, 2023*. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/censo-escolar>. Acesso em: 05 jun. 2024.

CORREIA, Lailla Mendes. *Escrita feminina e protofeminismo em Jane Austen: elementos para a construção de um novo perfil de mulher em A Abadia de Northanger e Orgulho e Preconceito*. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagens - PPGCEL, Vitória da Conquista, 2018.

GARCIA, Carla Cristina. *Breve história do feminismo*. São Paulo: Claridade, 2011.

GURGEL, Italo. *Uma leitura íntima de Dôra, Doralina: a lição dos manuscritos*. Fortaleza: Casa José de Alencar, 1997.

SCHMIDT, Rita Terezinha. *Descentramentos/ Convergências: ensaios de crítica feminista*. Porto Alegre: UFRGS, 2017.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. *Rachel, Rachel e mais Dona Fideralina de*

Lavras. E-galáxia, 2016. (Livro digital).

LAURETIS, Teresa de. A tecnologia do gênero. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque (org.). *O feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

MARTINS, Wilson. Feminismo viril In: *Pontos de crítica – crítica literária*, 13. São Paulo: T.A. Queiroz, 1997.

MAYORGA, Claudia. et al. As críticas ao gênero e a pluralização do feminismo: colonialismo, racismo e política heterossexual. *Revista de Estudos Feministas*, vol.21, no.2: Florianópolis: Maio/Agosto, 2013. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2013000200003. Acesso em: 21 jan. 2018.

QUEIROZ, Rachel. *A imagem feminina*. Academia Brasileira de Letras, 2000. Disponível em <https://www.academia.org.br/artigos/imagem-feminina>. Acesso em: 20 mar. 2018.

QUEIROZ, Rachel. *Memorial de Maria Moura*. RJ: BestBolso, 2010.

QUEIROZ, Rachel. *Dôra, Doralina*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2014.

SCHMIDT, Rita Terezinha. *Descentramentos/ Convergências: ensaios de crítica feminista*. Porto Alegre: UFRGS, 2017.

SCOTT, Joan. História das Mulheres. In: BURKE, Peter: *A escrita da história - tradução de Magda Lopes – São Paulo: UNESP, 1995.*
